

31-03-2025

Maria do Futuro

Josué Euclides Hetinguer

(Empreendedor – Economista Doméstico)

Agora, quase à vontade pra falar de uma viagem do passado que definiu meu futuro, começo a ter (ou criar) alucinações. O que aliás não é nenhum privilégio. Ter ou criar alucinações é próprio dos animais humanos. É o que justifica tanto a justiça quanto o crime abominável da injustiça. Hoje, quase 16 anos depois, olho no espelho e ouço um camarada chamado Taiguara pedindo à Maria do Futuro: *Joga areias do futuro no meu passado*. No opções do *streamyard* pedi pra ficar repetindo esse negócio aí *Joga areias do futuro no meu passado*. Repete rep repete *Joga areias do futuro no meu passado*. Seja lá o que isso signifique o que sei é que minha escolha de ir ao encontro do Sol viajando pelo litoral, pelas praias do Brasil, teve um significado. Não as praias badaladas de exibição da riqueza, mas as praias recolhidas nos sítios simbólicos, com uma pobreza dignificada pela solidariedade econômica e um socialismo artesanal moreno de uma brasilidade desconsiderada, não só pela direita, por motivos óbvios, como por uma esquerda sempre zigzagueando em volta de si mesma. 5 horas da manhã eu já estava a caminho de Sergipe. Na minha cabeça só passava Ilha da Maré, Maria Cleide, seu Terto, aratu, toalha.... De São Tomé do Paripe, até Pacatuba, no norte sergipano, são mais de 400 km. Bom foi que minha cabeça estivesse cheia pra enfrentar a BR 101 num dia de sábado de manhã. Gente indo p'ras praias, gente caminhoneira carregando a economia do nosso país na garupa e gente brasileira brincadeira e trabalhadeira pra lá e pra cá num sem fim de tentar sempre chegar a algum lugar. Como era o caso meu. Entre fumaças, buzinas e ultrapassagens passavam na minha cabeça a fauna e a flora dos manguezais; as técnicas de coleta de mariscos, os impactos do turismo na região, os crimes ambientais, a cumplicidade dos órgãos de governo com as empresas predadoras-criminosas, inclusive estatais, caso da Petrobrás ... numa região tão sofrida que cada “sofrimentinho” a mais já não faz diferença. Uma freada brusca e o pensamento voa: *como é ruim amar um país e ter vergonha dele....* Pois agora eu estava começando, além de amar e ter vergonha, a me orgulhar dele – meu país.

.....
Uma cidade pequena simples no litoral brasileiro, num dia de sol, no horário de almoço, em pleno sábado é dia de festa. Resolvi festejar. Queria festejar a descoberta do orgulho pelo Brasil. Na época essas coisas não me passavam pela cabeça. Nos últimos anos, com a apropriação da nossa bandeira e a falsificação do patriotismo brasileiro pelo fascismo bolsonarista tupiniquim, é que eu fui entender o significado da minha viagem. Ainda bem que eu havia entendido isso tudo antes, principalmente porque eu estava *talhado-para-o-nazi*.

Estranhei Pacatuba por ser uma região pesqueira em que o mar e as praias ficam um pouco longe do centro urbano. Sentei num pequeno mercado-restaurante que servia bebida e comida na calçada. Puxei conversa com um senhor com cara de conversador. Me apresentei e conheci o Seu João Severo. Aí comecei a entender o lugar onde eu havia chegado. Pacatuba era um dos municípios do chamado Pantanal Sergipano. Toda a região arroteia a Foz do Rio São Francisco. O município mais próximo da foz é Brejo Grande e tem também Pirambu, Santana do São Francisco e distritos espalhados que, depois certifiquei, compõem uma região paradisíaca que eu nunca tinha ouvido falar. Imagino o quanto hoje, 15 anos depois, deve-se ter lá implementado o turismo. Seu João, aposentado da prefeitura de Pacatuba disse que a economia girava em torno da característica geográfica da região: rios, manguezais, praias e a foz. A agricultura é adaptada às várzeas e cheias - arroz, coco, cana, frutas -, algumas pastagens. A economia do varejo da população vem da pesca no rio, mar e mangue, artesanato, turismo, pequeno comércio e agricultura familiar. Depois da conversa animada com João Severo, e dar-lhe um abraço de agradecimento e despedida, resolvi conhecer a região e chegar a qualquer hora em Brejo Grande. A cidade é mágica não por ser cidade, mas por ser guardiã da foz. O Velho Chico devia ser obrigatório pra quem nasce onde se concentra o PIB brasileiro. Isto não é uma opinião. É um desejo de sentença conceitual de teoria econômica. Juro que não é um desejo de vingança para quem prefere ir à Disney ver o Pato Donald Trump ou a Paris ficar três horas na fila pra pegar o elevador da Torre. É um chamado à brasilidade que brasileiroinhos da Faria Lima não conhecem e nem querem conhecer e brasileiroinhos das Farinhas Limadas pelo abandono e desprezo gostariam de conhecer mas não podem. Eu, agora assumido microempreendedor de ofício, com certidão passada em cartório, como disse Vinicius em sua benção, descobri que o Brasil é empreendedor por onde a gente passa, por causa da gente que passa pela gente. Até entendo e concordo partemente com a ideologia à esquerda de que o Estado deve ser o provedor e garantidor de emprego a todos com certidão passada em cartório (Vinicius colado). Mas, lamento dizer que o Brasil está longe de ser abençoado por quem de direito e segue amaldiçoado pelos que o dirigem, esses sim abençoados pelas elites políticas parlamentares-executivas, econômicas, judiciárias, partidárias, agrárias, enricadas, deslumbradas e todas as demais que sabemos. O território simbólico de pertencimento exibe a harmonia natural que o Estado não tem porque sempre esteve fora dele. O Estado brasileiro foi criado no palácio e nunca entrou na cozinha. Jamais saberá entrar, pois se a própria esquerda não soube, que elite saberá? O pantanal sergipano tem muito mais a falar do Brasil e mostrar o Brasil do que o planalto central com seus palácios fabricados com o suor dos candangos para depois expulsá-los na medida da arquitetura brasileira da destruição humana. Hoje, 15 anos depois da viagem posso dizer que Brasília é o sítio simbólico do DESpertencimento.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.